



PAULO DO CARMO MARTINS

DINAMITE E PAZ

O que dirão no dia em que você morrer? O que marcará sua passagem aqui na Terra? Qual será o seu legado? Alfred Nobel viu respondidas estas perguntas em vida, quando um jornal noticiou a sua morte, por engano. Foi uma experiência amarga. A manchete do jornal trouxe que "Morreu Alfred Nobel, o mercador da morte".

Triste, Alfred Nobel percebeu que, por ter inventado a dinamite, seu nome estaria eternamente associado à morte e à destruição da humanidade. Ele, então, tratou de trabalhar sua imagem como benfeitor. Muito rico, ao morrer deixou sua herança para custear a criação do Prêmio Nobel, que há 110 anos destaca as contribuições vindas de três ciências (Física, Química e Economia), além de Literatura, Medicina e Paz.

A mais aguardada é a de Prêmio Nobel da Paz. Madre Tereza de Calcutá, Dalai Lama e Nelson Mandela são ganhadores do Prêmio e foram imortalizados pela dedicação em favor da paz! No mês passado saiu a relação dos ganhadores do Nobel de 2012. Este ano o Prêmio Nobel da Paz foi para a... União Europeia! Estranho, não?

A União Europeia começou a ser criada em 1958, quando seis países assinaram um acordo de comércio entre si, somente para alimentos. Buscavam combater a fome existente, por meio da integração econômica. Mas a Guerra Fria esquentou as tensas relações internacionais e ficou claro que, se as duas primeiras guerras mundiais tiveram a Europa como palco, uma terceira guerra também ocorreria ali. Desta vez, o que se temia é que a guerra já começaria como terminou a anterior, ou seja, com armas nucleares.

Então, se juntassem os países europeus em torno de uma entidade, surgiria uma terceira força em contraponto a americanos e russos, com peso econômico, populacional e com a capacidade de influir politicamente, protegendo o continente Europeu. Portanto, a criação da União Europeia tem uma forte conotação de geopolítica.

O Prêmio Nobel da Paz concedido à União Europeia vem no momento de forte tensão interna, que afeta a todos os habitantes dos 27 países que a compõem. Grécia e Portugal continuam no caminho do rápido empobrecimento. Na Espanha, a região da Catalunha, que já tem língua própria, quer se tornar um novo país. Na Irlanda, o grupo terrorista IRA voltou a se organizar, e não será surpresa se seus atos cruéis voltarem a ser notícia. Na Itália, o desemprego cresce. Na Inglaterra, quem diria, o povo está nas ruas para mostrar sua insatisfação com a situação de desemprego e redução da renda...

Cresce o sentimento no continente de que a Alemanha é a única a ganhar com a existência da União Europeia. Enquanto isso, entre os alemães, aumenta o sentimento de que os outros países europeus são gastadores e não querem se submeter a sacrifícios muito menores que aqueles que foram impostos à Alemanha, em dois momentos, quando o país perdeu a Primeira e a Segunda Guerras. Se antes se discutia a saída da Grécia da União Europeia, agora, o que se discute é a saída da Alemanha.

Como se vê, em sentido figurado, há muita dinamite exposta no solo europeu. Frustração, privações, desesperança são explosivos potentes. A história da Europa é uma história de guerras. Sob esse aspecto, a concessão do Prêmio Nobel da Paz foi muito oportuna, pois é um recado louvável em favor da união. Afinal, quando não se tem solução para um problema doloroso, o analgésico surge como um providencial remédio.

Por outro lado, no mês passado, a União Europeia apresentou uma novidade institucional, chamada "Pacote do Leite". Não é de hoje que leite é assunto de Estado na Europa. Mas nas últimas cinco décadas, o produto assumiu posição central na sua política protecionista. A Política Agrícola

la Comum-PAC, que define todas as ações de intervenção do Estado no mercado, evidencia que o alvo sempre foi assegurar padrão de vida razoável aos produtores de leite.

Ou seja, o objetivo nunca foi o abastecimento alimentar, como é no Brasil. Para tanto, o preço pago ao produtor europeu nestas cinco décadas sempre foi tabelado e mantido acima do preço do mercado internacional, e as importações eram e são impedidas por meio de barreiras tarifárias. Com preços estimulantes, a produção cresceu ao longo dos anos e se estabilizou em quantidade superior à demanda. O excedente, então, continuamente foi colocado no mercado internacional, por meio de preços fortemente subsidiados. Todavia, cada produtor tem a sua cota de produção, ou seja, uma quantidade máxima de produção autorizada.

Com a elevação dos preços do leite no mercado internacional a partir de 2007 e com a crise de endividamento público dos estados europeus desde 2010, ficou evidente a necessidade de rever a política protecionista adotada para o leite no continente. Foi então que a União Europeia criou o "Pacote do Leite", ou seja, um conjunto de medidas

que visa construir um novo cenário para o leite a partir da decisão de sepultar o sistema de cotas, em 2015.

As medidas desse pacote estão em vigor desde o mês passado, dando início a um processo de desregulamentação e de valorização das forças de mercado. O documento estimula que as negociações sejam registradas em contratos coletivos formais com a indústria, deixando claro as condições de comercialização acordadas, tais como preço, volume e duração de vigência do contrato.

Na relação entre cooperativa e produtor, contudo, não será exigida a celebração de contratos, já que o produtor é o dono da cooperativa. Por outro lado, o "pacote" fala em maior transparência e melhor informação circulando na cadeia produtiva, para proteger os produtores.

No Brasil, a desregulamentação aconteceu em 1990. Num belo dia de agosto saiu publicado no *Diário Oficial da União* que não havia mais tabelamento de preços para o leite e que o produtor e a indústria deveriam exercitar a livre negociação entre si. A partir daí foram três anos de conflito aberto entre produtor e indústria, com perda para os produtores, que tinham menor poder de barganha.

Na União Europeia, a condução está sendo feita de modo diferente. Produtores negociarão preços em conjunto, preservando o poder de barganha desta categoria. Além disso, o sistema estará em experimentação até 2020, e nada impede que ocorra intervenção estatal nos próximos anos.

Há fortes motivos para acompanharmos a desregulamentação do mercado de leite, que se iniciou na União Europeia. A experiência de adoção de contratos nas transações entre produtores e indústria é prática pouco usual no Brasil, e temos muito a aprender. Por outro lado, será rico acompanhar o comportamento dos preços ao produtor, o reflexo na quantidade ofertada e o impacto nos preços do mercado internacional, na medida em que a desregulamentação avança.

Também temos a aprender sobre a relação produtor e indústria e sobre a coordenação da cadeia sem a mão pesada do Estado. Afinal, sejamos sinceros, tivemos poucos avanços institucionais nos 22 anos de desregulamentação do mercado de leite no Brasil. ■

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, pesquisador da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

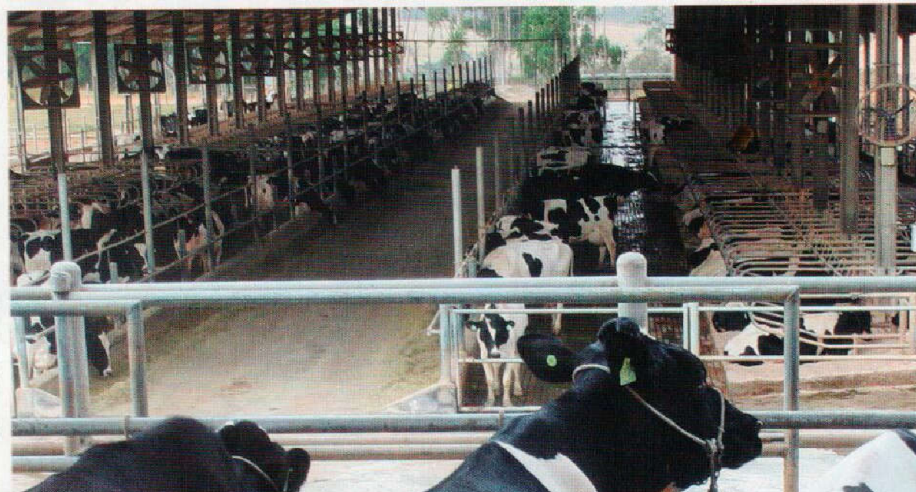
**Ações
sociais dos
produtores
de leite**

BALDE BRANCO

ENTREVISTA
o leite no mundo por
TIM HUNT,
analista do Rabobank

**Capacitação
de mão de
obra: cresce
a demanda**

**Cooperativa de
crédito apoia
produção
de leite**



**Girolando e
Gir Leiteiro
e suas fazendas
colaboradoras**



EXPANSÃO

Fazenda Figueiredo, de Cristalina-GO, ganha destaque pelo constante crescimento na produção de leite de qualidade e na oferta diferenciada de genética da raça Holandesa